

## INTRODUÇÃO

Nunca como hoje a transitoriedade foi tão celebrada. E, porventura, temida. Não é por acaso que o frenesi de mudanças societárias se traduz, não raro, na ideia de risco (Beck, 1992). A complexidade do devir social, nas suas múltiplas dimensões, arrastou, com efeito, perigos vários que espreitam os movimentos de pessoas, mas também de ideias. E é à luz destes perigos que vemos, com frequência, deteriorarem-se as mais nobres condições de sociabilidade: do fechamento de fronteiras à segregação social, passando pela falência das grandes narrativas de emancipação.

Acontece, porém, que nem sempre a fugacidade traduz um movimento recessivo e reacionário. Particularmente na investigação científica, em que se reconhece um potencial efetivo à desestabilização e justaposição de fronteiras disciplinares para gerarem novos territórios de análise da vida contemporânea. Claro que lidar com a passagem da univocidade à multiplicidade, da estruturação à desconstrução, do conhecimento à interpretação não é uma tarefa fácil. O efeito dos choques epistemológicos na construção do saber é, muito vezes, imprevisível. Mas esse é o eterno desafio que à investigação científica se coloca.

Numa das cenas mais famosas do filme *Faust* (1926), do realizador F. W. Murnau, o protagonista, no centro de uma encruzilhada, invoca Mefistófeles, a fim de conseguir poder e conhecimento. Nesta imagem da encruzilhada estão refletidas as dúvidas e os itinerários possíveis que subjazem à interrogação científica. Mas, ao contrário

de Fausto, não é de um pacto de que dependem as respostas que se procuram: é de um compromisso com o questionamento de imaginários pessoais e coletivos, num processo-percurso sempre em trânsito e, por isso, permanentemente aberto à discussão.

Os trabalhos que aqui se apresentam traduzem justamente esse compromisso, firmado por um conjunto heterógeno de investigadores e investigadoras que, a partir de áreas disciplinares diversas, oferecem análises igualmente plurais de mudanças de natureza tanto socio-históricas, como epistemológicas. Integrada no plano de atividades do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra, esta coletânea tem como mote o IV Encontro de Jovens investigadores do CEIS20, dedicado ao tema do qual foi decalcado o seu título: *Pessoas e Ideias em Trânsito: Percursos e Imaginários*.

Tomando precisamente em consideração as mudanças epistemológicas em curso, particularmente na investigação da comunicação e dos *media*, o primeiro desses trabalhos procura revisitar o conceito de estereótipo e alertar para a importância de manter viva a pesquisa — hoje, com frequência contestada — neste domínio. Defende Rita Basílio de Simões que uma adequada compreensão das representações das identidades de género nas sociedades mediatizadas em que vivemos não pode dispensar a análise da estereotipia, ainda que exija novas posições epistemológicas a partir das quais as suas consequências sociopolíticas possam ser pensadas. Além de trazer à discussão o essencial das virtudes e limitações das diferentes correntes de pensamento que do estereótipo se têm ocupado, a autora apresenta um quadro teórico viável para desenrolar esse projeto.

A par com as ruturas epistemológicas na ciência, também as mudanças ocorridas no campo da produção dos *media*, em particular no da produção jornalística, têm afetado a investigação da comunicação nas sociedades dominadas pelas relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa ou, como as

designou Thompson (1995), por processos de *quase-interação mediada*. Parte integrante destes processos, a comunidade de jornalistas opera num novo contexto marcado pelas novas tecnologias, que veio designadamente reformatar os modelos de relação entre os profissionais e as suas fontes. É dessa problemática que se ocupa João Miranda que, a partir da análise de textos jornalísticos sobre manifestações de contestação política publicados na imprensa portuguesa, põe a descoberto mudanças inquietantes nas rotinas produtivas noticiosas, nomeadamente a utilização discricionária das redes sociais como fontes de informação.

A introdução das novas tecnologias de informação e comunicação nas múltiplas áreas e esferas em que as sociedades ocidentais desenvolvidas se poderão desdobrar tende, com efeito, a espoletar debates intensos sobre a natureza das implicações das mudanças operadas. Contudo, nem sempre a revolução digital ou informacional é olhada com desconfiança. Herdeira dessa revolução, a assim chamada cultura do *remix* é pensada por Ana Rita Costa a partir das possibilidades que oferece de reutilização das produções culturais sem ferir os direitos de autor. Elegendo como objeto de estudo a plataforma *Europeana*, a autora descreve este recurso como um caso ilustrativo de como as coleções patrimoniais digitais podem favorecer uma cultura do *remix* saudável.

É também de um contexto sociocultural particular em efervescência que se ocupa Clara Serrano, situado neste caso concreto num período pretérito. A autora oferece-nos um olhar, em retrospectiva, sobre as relações diplomáticas de Portugal, incidindo em particular sobre um momento histórico especialmente estimulante, a saber, o da passagem do jornalista Augusto de Castro pela legação de Portugal no Vaticano (1924-1929). Ao favorecer o pensamento sobre o fascínio por Mussolini e pelo fascismo italiano, sobre a participação e gestão de dossiers tão importantes e controversos como, a título de exemplo, o dos acordos de 1928 sobre o Padroado

Português do Oriente, esta é uma circunstância, mostra a autora, que promove também a própria compreensão diacrónica da agenda diplomática portuguesa.

Também cruzando as problemáticas da diplomacia e da identidade, o texto de Vera Matos tem, diferentemente, como ponto de partida o *Risorgimento*. A autora trata, no texto que aqui se publica, o complexo percurso da construção da identidade nacional italiana, decorrente da unificação política do país, no final do século XIX, um processo vinculado à permanência de particularismos dos antigos Estados e à dificuldade de germinação de sentimentos de pertença a uma mesma comunidade nacional.

Questões identitárias e, em particular, de política internacional estão igualmente presentes no texto de Sérgio Neto que analisa, a partir de uma perspetiva singular, um dos surpreendentes legados da Grande Guerra. Em *Pagine di Guerra: Imaginários Musicais de 1914-1918*, o autor enumera e examina as mais significativas obras inspiradas no mortífero conflito que marcou o início do século XX. Abordando composições de autores dos países beligerantes e dos países neutrais, assim como procurando abarcar os vários géneros (sinfónico, câmara, piano e *lied*), há uma clara tentativa de estabelecer um diálogo destas obras com as comemorações que têm assinalado o primeiro centenário da contenda.

É ainda no domínio das relações internacionais que podemos situar o trabalho de Sofia Félix. A sua reflexão sobre a política de coesão e as concretas orientações do Quadro Estratégico Comum (QEC), articulando dados estatísticos e projeções múltiplas, foi desenrolada antes de o *referendo* britânico, de junho de 2016, ter ditado a *saída do Reino Unido* da União Europeia. Não poderia, em todo o caso, ser mais oportuna a sua análise, neste momento particularmente tenso para o projeto Europeu.

São, de igual modo, os modelos de governação que estão na base do texto de Isabel Moio, neste caso relativos às opções em

matéria de educação formal e não formal. O seu estudo centra-se na educação e formação de adultos, em Portugal, oferecendo uma compreensão de três dos seus modelos principais, que convivem em estreita relação com a administração central e local. O papel dos municípios e a aprendizagem ao longo da vida merecem uma atenção especial neste trabalho.

É, diferentemente, de educação formal que tratam os textos seguintes. Em “Ensino de Estratégias para a Composição Escrita do Texto Argumentativo”, Maria Prata aborda o *Self-Regulated Strategy Development* (SRSD), um programa testado e reconhecido por diversos estudos internacionais, que foi inicialmente planeado como complemento didático para acompanhar alunos com dificuldades cognitivas, procurando auscultar os seus resultados práticos em algumas escolas da cidade de Coimbra.

Já Raquel Mateus, Maria Helena Damião, Maria Isabel Festas e Elisa Marques dão conta do essencial e refletem sobre o Programa de Educação Estética e Artística, destinado ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, e sobre o Plano de Formação de Professores neste domínio, que visam concretizar os objetivos do sistema de ensino português nesta matéria.

Ainda voltado para as estratégias no âmbito da educação formal, Sara Ferreira analisa o SRSD e expõe as áreas em que carece de afinações, nomeadamente as que se referem à planificação do ensaio de opinião e do texto expositivo, assim como no que diz respeito à avaliação dos seus efeitos concretos na escrita de alunos do 8.º ano.

O último dos textos reunidos nesta coletânea contém um inovador estudo de base criminológica, centrado no caso do Bacharel Rodrigo de Barros Teixeira dos Reis, homicida do seu ex-professor, Doutor Sousa Refoios, em Dezembro de 1904. Tendo como ponto de partida os exames mentais efetuados ao homicida pelo Conselho Médico-Legal, Inês Pinto Cruz analisa o cenário do crime cometido

na Baixa Coimbrã e reflete sobre a decisão sobre a sua inimputabilidade criminal por anomalia psíquica, seguida de internamento no Hospital de Rilhafoles, até à sua morte.

### **Referências bibliográficas**

Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London, Newbury Park; New Delhi:Sage.

Thompson, J. (1995). *The Media and Modernity: A Social Theory of the Media*. Cambridge; Oxford: Polity Press.

Coimbra, 25 de julho de 2016

Rita Basílio de Simões

Clara Serrano

Sérgio Neto

João Miranda